

# Meninas que vão além

pelo direito a uma **educação transformadora**



**Skills**  
for prosperity  
BRAZIL

 UK Government

 BRITISH  
COUNCIL

  
FUNDAÇÃO  
**Lemann**

associação  
NOVA ESCOLA

 reúna

**Diana Daste**

Diretora de Engajamento Cultural  
British Council Brasil

**Cíntia Toth Gonçalves**

Gerente sênior de inglês  
British Council Brasil

**Fernanda Rebelato**

Gerente de Projetos de Inglês  
British Council Brasil

**Juliana Peixoto**

Gerente de Projetos de Inglês  
British Council Brasil

---

**EQUIPE DE PUBLICAÇÃO**

**Coordenação editorial:** Danielle  
Menezes e Joanna Muniz

**Revisão técnica:** Cíntia Toth Gonçalves,  
Fernanda Rebelato e Juliana Peixoto

**Projeto gráfico:** Oyá Design

**Tradução inglês:** Ana Carolina de Deus

© British Council 2023

©Todo o conteúdo desta publicação está disponível sob a Licença de Atribuição Creative Commons (CC BY-NC-SA 4.0).

Exceto quando indicado, todas as fotos nesta publicação são © British Council

---

**SOBRE O BRITISH COUNCIL**

O British Council é a organização internacional do Reino Unido para relações culturais e oportunidades educacionais. Construímos conexões, entendimento e confiança entre o povo do Reino Unido e o de outros países por meio das artes e cultura, educação e Língua Inglesa. No ano passado, alcançamos mais de 80 milhões de pessoas diretamente e mais de 791 milhões ao todo, incluindo conteúdos digitais, publicações e transmissões em rádio e TV. Fundado em 1934, somos uma UK charity governada por Royal Charter, assim como um órgão público do Reino Unido. Cerca de 15% de nossos fundos são subsidiados pelo governo britânico.

---

**SOBRE O PROGRAMA UK-BRAZIL**

O Programa UK-Brazil Skills for Prosperity, ou Programa de Cooperação entre Reino Unido e Brasil em Educação, faz parte de uma iniciativa do governo britânico presente em diferentes regiões do globo. A ação busca apoiar o crescimento inclusivo e a redução da pobreza por meio de parcerias com os países em setores como ambiente regulatório, infraestrutura, energia, finanças, educação e saúde. No Brasil, o programa tem as atenções voltadas às oportunidades para estudantes no acesso à educação de qualidade e ao Ensino da Língua Inglesa (ou ELT, sigla que vem da expressão English Language Teaching). O programa enfoca as escolas públicas de educação básica nos anos finais do ensino fundamental e tem como base uma estratégia de gênero e inclusão social (em Inglês, “Gender and Social Inclusion”, ou apenas GSI). No Brasil, o programa é implementado por um consórcio de instituições com reconhecida experiência nas áreas de educação e inglês - Fundação Lemann, Nova Escola, Instituto Reúna e British Council.

# Meninas que vão além

pelo direito a uma **educação transformadora**

**Skills**  
for prosperity  
BRAZIL



# SUMÁRIO

A importância de pensar a Educação para além dos muros escolares **05**

1 Introdução **07**

1.1 Meninas que Vão Além e a importância da abordagem interseccional 12

2 A chamada Meninas que Vão Além e os projetos apoiados **16**

2.1 AQCC 18

2.2 Dandaras no Cerrado 21

2.3 Elas no Poder 24

2.4 CCLF 26

2.5 Geledés 29

2.6 ABPN 31

3 Troca de experiências: encontros entre as organizações para o fortalecimento de conhecimentos **34**

4 Resultados Finais da Chamada **39**

5 Considerações Finais **43**

## A importância de pensar a Educação para além dos muros escolares

CÍNTIA TOTH GONÇALVES

Gerente Sênior de Inglês,  
British Council no Brasil

Pensar e executar projetos sobre igualdade de gênero na educação, exige um debate profundo sobre as causas que ainda impedem as mulheres de exercer a sua cidadania conforme previsto pelas leis nacionais e internacionais. Além disso, é fundamental que estejamos atentas às particularidades de cada território. O Brasil é um dos países entre as 10 maiores economias do mundo, sede de grandes empresas e grandes conquistas e que, ainda assim, deixa de entregar o básico a milhares de brasileiros e brasileiras.

É, sem dúvida, um país de contradições imensas, que devem ser consideradas por quem pretende desenvolver ações capazes de modificar a realidade. Ao mesmo tempo em que praticamente atingimos a meta do Plano Nacional de Educação de universalização de matrículas na educação básica, os estudos indicam consideráveis brechas entre estudantes brancos e estudantes negros, que são ainda mais aprofundadas quando colocamos a perspectiva de gênero em nossas análises. Mulheres apresentaram melhores indicadores educacionais, em todos os recortes raciais, mas ainda assim, não colhem ganhos reais no mundo do trabalho, sendo minoria em cargos de decisão e, mesmo quando conquistam lugares de liderança, os seus salários são mais baixos dos que os pares masculinos.

Desde o princípio, Meninas Que Vão Além, chamada desenvolvida pelo British Council por meio do programa UK-Brazil Skills for Prosperity, foi pensada com o cuidado de priorizar os grupos em situação de desvantagem social - sobretudo mulheres e meninas negras - e fortalecer o trabalho de organizações da sociedade civil atuantes em territórios diversos. Com o intuito de incidir sobre as desigualdades que ainda persistem sobre as questões de gênero e raça, sabíamos da necessidade de irmos além de avaliações quantitativas, estatísticas e métricas que, embora tenham a sua importância, acabam por esconder as desigualdades que desejamos atingir.

Portanto, é com bastante alegria e satisfação e, talvez, um pouco de tristeza, que chegamos ao fim dessa jornada tendo apoiado seis organizações não governamentais, em diferentes regiões do país, com projetos tão diferentes e ao mesmo tempo similares, que nos proporcionaram um conhecimento imenso, que só a prática é capaz de nos trazer. Apresentamos aqui este relatório com o objetivo de aprofundar um pouco do que foi pensado e feito, cientes da importância imensurável de apoiar e aprender com os trabalhos desenvolvidos pela sociedade civil em seus territórios.



*“O privilégio racial é uma característica marcante da sociedade brasileira que pode ser observado em todos os níveis dos mais diferentes segmentos sociais e que estrutura a vida de pessoas negras desde a sua infância à vida adulta”<sup>1</sup>*

*Lélia Gonzalez (2020:39)*

1

---

1 GONZALEZ, Lélia. Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaios, Intervenções e Diálogos Rio Janeiro: Zahar. 375 pp, 2020.

# Introdução

As desigualdades de gênero, raça e classe são estruturais e estruturantes de nossa sociedade e se destacam quando os assuntos são educação formal e mundo do trabalho. Dados do IBGE e do INEP/MEC indicam que o Brasil ainda tem um árduo caminho pela frente na efetivação das metas estabelecidas no Plano Nacional de Educação (PNE), porém, é fundamental reconhecer e celebrar os avanços conquistados. Tais como a Lei 10.639, sancionada em 2003, que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”; e a Lei 12.711/2012, conhecida popularmente como a “lei das cotas”, que

permitiu que a presença de pessoas negras<sup>2</sup> de 18 a 24 anos, dobrasse nas universidades entre 2011 e 2019, passando de 9% para 18%.

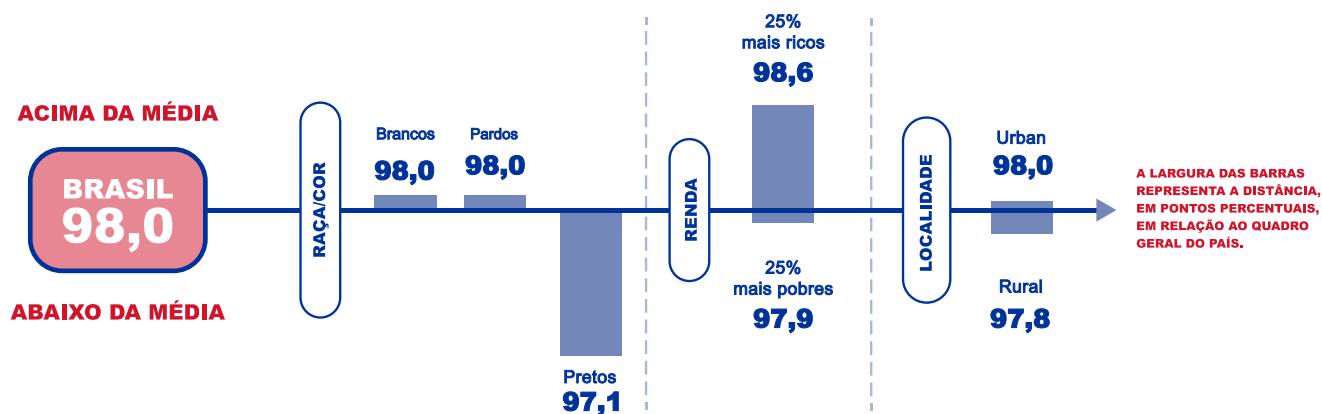
A segunda meta do PNE procura “universalizar o ensino fundamental de 9 (nove) anos para toda a população dos 6 (seis) aos 14 (quatorze) anos e garantir que ao menos 95% dos alunos concluam essa etapa na idade recomendada, até 2024”. Dados do Anuário da Educação Brasileira<sup>3</sup> (2021), expostos na figura abaixo, indicam que 98% dos alunos e alunas de 6 a 14 anos frequentam o ensino fundamental, sendo um índice bem próximo à universalização pretendida.

---

2 Neste relatório seguimos a nomenclatura oficial do IBGE, que indica que a categoria “negro” é a junção de pessoas pretas e pardas. IBGE. Características étnico-raciais da população: classificações e identidades. Rio de Janeiro, 2013.

3 Todos pela educação. Anuário Brasileiro de Educação Básica. 10 ed. - Editora Moderna, 2021.

## PORCENTAGEM DE CRIANÇAS E JOVENS DE 6 A 14 ANOS MATRICULADOS NO ENSINO FUNDAMENTAL BRASIL - 2020



**NÚMERO DE CRIANÇAS E JOVENS DE 6 A 14 ANOS FORA DA ESCOLA BRASIL 2020**

**158.888**



Fonte: IBGE/PNAD Contínua. Elaboração: Todos Pela Educação. Nota:8

Fonte: Todos Pela Educação. Página 37

Por outro lado, entre jovens negras e negros de 16 anos, apenas 77,5% finalizam o 9º ano, índice expressivamente menor quando comparado a jovens brancas e brancos, que registram 87,3% de conclusão. O mesmo

tipo de abismo se repete em relação à aprendizagem, como mostram os gráficos a seguir. Alunas e alunos negros (pretos e pardos) apresentam desempenho inferior em todas as disciplinas, com relação a alunas e alunos brancos.

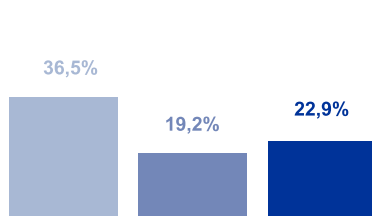


## 9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

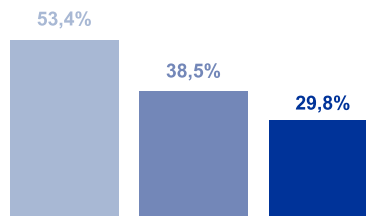
Fonte: Relatório "Aprendizagem na educação básica: detalhes do contexto pré-pandemia". Página 17.



### LÍNGUA PORTUGUESA

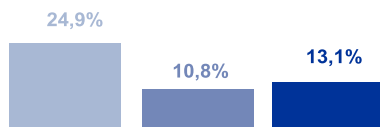


**2011**  
Média Brasil: 27,0%

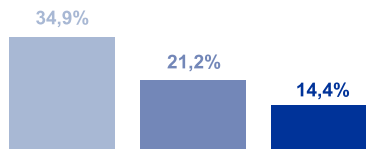


**2019**  
Média Brasil: 41,4%

### MATEMÁTICA



**2011**  
Média Brasil: 16,9%



**2019**  
Média Brasil: 24,4%

Tais iniquidades são também evidenciadas no mundo do trabalho. O levantamento da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) de 2022<sup>4</sup> indica que a hora de trabalho de uma pessoa preta vale 40,2% menos que a de uma pessoa branca. Para se ter uma ideia do que isso representa, se uma pessoa que exerce o mesmo cargo, pelo mesmo tempo e com as mesmas qualificações é branca, seu salário é de R\$10.000,00, se ela é preta, o salário é de R\$5.800,00. Para alcançar, por exemplo, o salário de R\$1.212, uma pessoa trabalhadora branca precisaria

trabalhar 63 horas, enquanto as pessoas pretas 105,5 horas.

A mesma pesquisa aponta que a diferença salarial é praticamente igual há 10 anos e que a falta de acesso à educação superior é um dos fatores que influenciam na diferença de renda. Conclusão que vai ao encontro do fato que um diploma do ensino superior garante aos brasileiros e brasileiras uma remuneração média 140% acima daqueles que contam apenas com o ensino médio. A disparidade salarial é a mais alta entre os 40 países avaliados pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento (OCDE)<sup>5</sup>.

4 IBGE: PNAD Contínua. Brasil, 2022.

5 Relatório Educação em Revista 2017. Disponível [aqui](#).



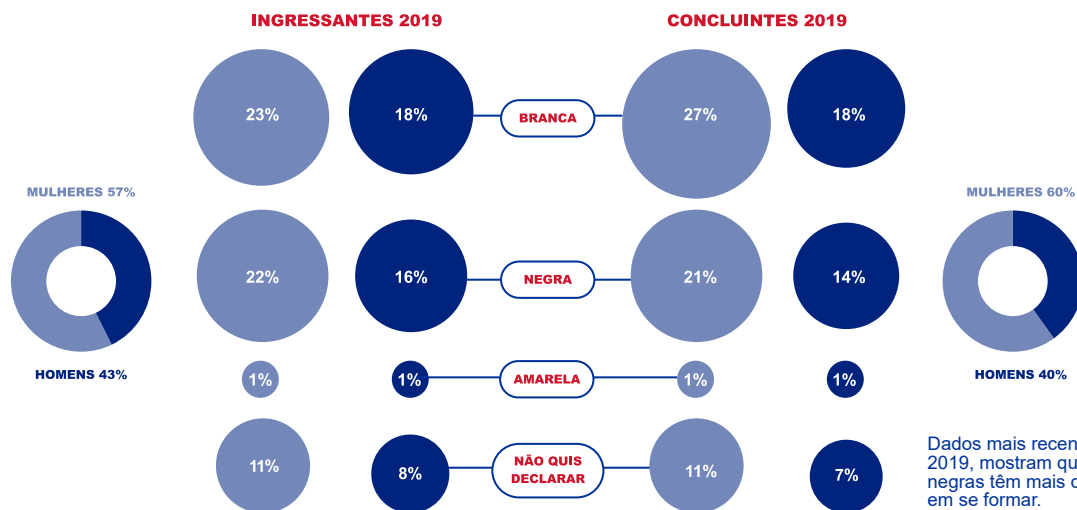
Foto: André Seiti CC

Para Sueli Carneiro<sup>6</sup>

*“Apesar dessa importância que a educação tem no Brasil, como fator de mobilidade social, ela tem sido utilizada, muitas vezes, como instrumento de ocultação das consequências sociais do racismo, na medida em que as diferenças educacionais, evidenciadas entre brancos e negros, são usadas para justificar as desigualdades raciais, negando-se, assim, a prevalência de práticas discriminatórias de cunho racial no acesso e permanência da população negra nos ciclos formais do sistema educacional.”*

A afirmação de Sueli Carneiro faz ainda mais sentido quando sabemos que as mulheres são maioria no ensino superior (como ingressantes e concluintes) em todos os recortes raciais, conforme demonstra o gráfico a seguir.

### MULHERES SÃO MAIORIA ENTRE OS ESTUDANTES DO ENSINO SUPERIOR



6 Henriques, Ricardo. Raça e gênero no sistema de ensino: os limites das políticas universalistas na educação / Ricardo Henriques. – Brasília : UNESCO, 2002. Página 6.

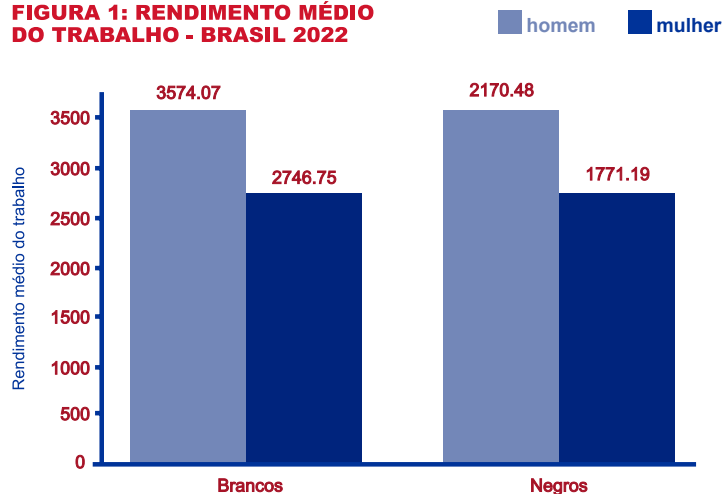


Se fosse apenas uma relação simples de causalidade (ter um diploma do ensino superior, garante salários mais altos), as mulheres brancas deveriam estar no topo, seguidas pelas mulheres negras. Não é isso, no entanto, que pesquisas têm demonstrado. O estudo promovido pelo Pacto de Promoção da Equidade Racial (2021) demonstrou que, no Brasil, o rendimento da mulher negra equivale a 81,6% do rendimento de um homem negro, e que, entre os 4% de pessoas negras que ocupam a liderança nas empresas no Brasil, apenas 0,4% são mulheres. Ou seja, mulheres negras ganham menos do que os homens brancos, homens negros e mulheres brancas, como mostra o gráfico ao lado.

Os dados supracitados revelam que, apesar do diploma de ensino superior ser um componente importante no mundo do trabalho brasileiro, gênero e raça são marcadores determinantes nos planos de carreira. Mulheres negras são atravessadas por uma tripla opressão (gênero, raça e classe), colocando-as em maior vulnerabilidade<sup>7</sup>, o que perpetua hierarquias sociais consagradas.

Para atuar neste cenário e em suas interseccionalidades, a chamada “Meninas que Vão Além”, uma iniciativa do British Council por meio do programa do governo britânico UK-Brazil Skills for Prosperity, foi direcionada para organizações não-governamentais e/ou sem fins lucrativos de todo o Brasil, cuja missão esteja vinculada à educação e a equidade de gênero e raça. Ao longo de 12 meses, seis instituições selecionadas

**FIGURA 1: RENDIMENTO MÉDIO DO TRABALHO - BRASIL 2022**



Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. 2º Trimestre/2022  
Notas: Para o cálculo, foram considerados apenas rendimento do trabalho de pessoas ocupadas com idade entre 14 e 65 anos. (Associação Pacto de Promoção da Equidade Racial/Reprodução)

desenvolveram ações com o objetivo de preparar meninas negras do 8º e 9º ano do ensino fundamental para escolhas conscientes sobre a continuidade dos estudos e a construção de uma carreira profissional.

O relatório “Meninas que Vão Além: pelo direito a uma educação transformadora”, tem como objetivo registrar e partilhar as atividades produzidas pelas organizações selecionadas por meio da chamada. Com atuação em diferentes partes do país, os projetos buscaram incentivar meninas a olharem para si mesmas e refletirem sobre o seu próprio futuro. As próximas páginas justificam a importância da realização desta chamada em território brasileiro, no qual a população tem acesso distinto às oportunidades e as desigualdades sociais se tornam cada vez mais agudas.

7 GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. Lugar do Negro. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

## 1.1 MENINAS QUE VÃO ALÉM E A IMPORTÂNCIA DA ABORDAGEM INTERSECCIONAL

A interseccionalidade foi concebida a partir das elaborações de ativistas mulheres negras que articularam as “perspectivas de raça, classe, gênero e sexualidade como sistemas de intersecção de poder”<sup>10</sup>. Kimberlé Crenshaw, jurista estadunidense, propõe o uso do termo como uma metodologia para enfrentar as causas e os efeitos da violência contra a mulher<sup>11</sup>, entendendo que as discriminações não são vivenciadas e nem devem ser analisadas de modo isolado, pois é através das intersecções que as respostas para superação das desigualdades são encontradas.

A imagem a seguir ilustra a presença de marcadores sociais e como eles podem se sobrepor para produzir os eixos de subordinação. Uma mulher branca e pobre, enfrenta barreiras relacionadas a classe e gênero, mas não a raça. Uma mulher rica e negra sofrerá opressões relacionadas à raça e gênero, mas não, à classe, o que não evita que, mesmo com acesso a boas escolas e universidades, ainda receba um salário menor do que uma mulher branca, seja ela rica ou pobre.

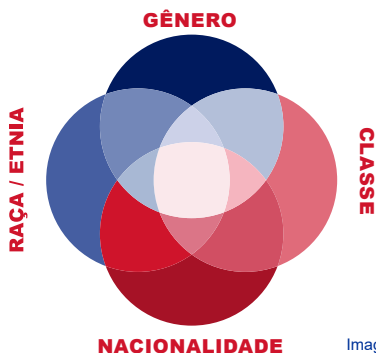


Ilustração: Flávia Moreira  
Imagem retirada [deste texto](#), página 14.



Foto: Rodrigo Nunes CC

(...) “não existe uma identidade única pois a experiência de ser mulher se dá de forma social e historicamente determinadas”<sup>8</sup>.

Luiza Bairos<sup>9</sup>

8 Bairos, Luiza. Nossos feminismos revisitados. Página 4. Disponível [aqui](#).

9 Luiza Bairos (1953-2016) nasceu em Porto Alegre, formou-se em administração pela UFRGS, mestrado em Ciências Sociais pela UFBA e doutorado em Sociologia pela Universidade de Michigan. Intelectual e ativista, foi ministra-chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial do Brasil (2011 e 2014).

10 GELEDÉS - Instituto da Mulher Negra. 2021. A educação de meninas negras em tempos de pandemia: o aprofundamento das desigualdades. Coordenação: Suelaine Carneiro - 1. ed. São Paulo : Geledés. Página 24.

11 ASSIS, Dayane N. Conceição de. 2019. Interseccionalidades. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, página 19. Disponível [aqui](#).

Este conceito é fundamental no debate sobre desigualdade social e construção de políticas públicas, e não é diferente quando falamos sobre educação e gênero no Brasil.

*Querino e colegas (2011) pontuam que :*

*Acompanhando as tendências internacionais traçadas por uma agenda segundo a qual o sucesso educacional se traduz em bons indicadores nas disciplinas tidas como centrais (matemática e línguas, essencialmente), passou-se a definir como política prioritária no país, desde meados dos anos 1990, a ampliação do acesso, adoção e realização de avaliações e indicadores supostamente capazes de monitorar e prestar contas sobre os avanços e retrocessos do sistema educacional brasileiro<sup>12</sup>.*

Para os pesquisadores, o Brasil e a maioria dos países da América Latina alcançaram, ainda na década de 1990, relativa paridade entre meninos e meninas, nos quesitos acesso e permanência educacional, o que conduziu os formuladores de políticas públicas a falsa conclusão de que a desigualdade de gênero na educação era um problema superado<sup>13</sup>.

Por outro lado, o indicador cor/raça era ignorado tanto nos documentos internacionais, quanto nas legislações brasileiras. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação, de 1996, por exemplo, não trazia em seu texto nenhum dispositivo específico para a população negra brasileira, o que foi revisto somente em 2003, com a Lei 10.639. Mesmo com 20 anos de existência, a lei encontra resistência na sua ampla e consistente implementação, como pode ser conferido no material desenvolvido pelo Instituto Geledés: 20

anos da Lei 10.639/03.

Portanto, é essencial voltar esforços para as discriminações intragênero, compreendendo que meninas e mulheres são múltiplas, com características e acessos variados, que influenciam diretamente nas experiências e rendimentos escolares. Dados da PNAD-COVID (2020) revelou que, em setembro de 2020, 6,4% milhões de estudantes (13,9% do total) não tiveram acesso às atividades escolares, sendo que desse contingente, 4,3 milhões de crianças e adolescentes eram negros e indígenas da rede pública e 1,5 milhão eram pessoas brancas. A Agência Farolete de Jornalismo avaliou, em 2019, os microdados do Censo Escolar de 2018, relacionados às escolas de Ribeirão Preto, interior de São Paulo. Do total de crianças matriculadas (escolas públicas e privadas), 61% eram brancas, 24% negras e 15% não declararam. Já nos registros das escolas particulares, 75% eram estudantes brancas e brancos e apenas 8% negros e negras, enquanto nas escolas públicas, 54% são pessoas brancas e 31% pessoas negras.

Em 2022, o Centro Dom Helder Camara de Estudos e Ação Social (Cendhec), com o apoio do Fundo Malala ouviu 438 estudantes do ensino fundamental II das redes de ensino municipal do Recife, Camaragibe e Igarassu (PE). A pesquisa sobre desigualdades de gênero na educação, revelou que 1 em cada 4 meninas sofre

12 Faces da desigualdade de gênero e raça no Brasil / organizadoras: Alinne de Lima Bonetti, Maria Aparecida A. Abreu. – Brasília: Ipea, 2011. Página 130. Disponível [aqui](#).

13 Idem

preconceito em ambiente escolar, sendo que 26,9% das meninas entrevistadas afirmam que foram afetadas por algum tipo de prejulgamento/repúdio em suas instituições de ensino. Das vítimas, 38,1% atribui a ação ao racismo: 27,1% por ter cabelo crespo/enrolado; 11,0% por ser negra. Uma pesquisa<sup>15</sup> feita em 2021 pela Plan, também indicou que 58,9% de meninas pretas e 49% de meninas pardas já sentiram racismo na escola.

Esses conjuntos de dados levantados por organizações da sociedade civil são imprescindíveis para a formulação de programas que contemplem práticas capazes de trabalhar na raiz dos problemas. Se até o momento, o Brasil conta com problemas estruturais que o impede de entregar uma educação de qualidade a todos e todas, é evidente que determinados grupos sociais sofrem ainda mais com a falta de infraestrutura nas escolas, acesso a lazer, longas distâncias a serem percorridas e até mesmo a violência urbana.

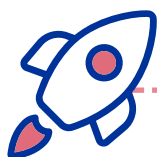
Ciente de que as desigualdades econômicas e sociais são oriundas de múltiplos fatores, a chamada “Meninas que Vão Além” concentrou esforços no apoio a projetos que estimulam estudantes das redes públicas, sobretudo meninas negras, a ocupar todos os espaços da sociedade. Para tanto, por meio de ações interseccionais e multidisciplinares, as organizações desenvolveram inúmeras atividades para debater as causas do racismo e estratégias de enfrentamento de práticas sociais que as prejudicam em suas escolhas acadêmicas e profissionais. Os resultados podem ser conferidos a seguir.



2

# A chamada Meninas que Vão Além e os projetos apoiados

## LINHA DO TEMPO DA FINALIZAÇÃO DOS PROJETOS



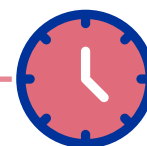
**12/2021**

Lançamento do edital



**01/2022**

Webinar em parceria com a Plan internacional sobre educação, gênero e raça



**02/2022**

Prazo final de entregas das propostas



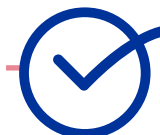
**02/2022**

Divulgação das organizações selecionadas



**04/2022**

Início dos projetos



**03/2023**

Finalização dos projetos



## PERFIL DAS ORGANIZAÇÕES



### QUANTIDADE DE ORGANIZAÇÕES

6 Organizações



### REGIÕES DE ATUAÇÃO

As organizações contempladas são, essencialmente, de três regiões: centro-oeste, nordeste e sudeste



### LOCAIS DE DESENVOLVIMENTO DOS PROJETOS

9 estados + Distrito Federal

Maranhão  
Paraná  
Minas Gerais  
Ceará  
Bahia  
Alagoas  
Pernambuco  
Goiás  
São Paulo



## EXEMPLOS DE ATIVIDADES QUE PODERIAM SER PROPOSTAS

FORMAÇÃO

CAMPANHAS DE COMUNICAÇÃO

ADVOCACY

MATERIAIS INFORMATIVOS

## 2.1 AQCC - ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA DE CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS

A AQCC tem como missão promover o desenvolvimento de Conceição das Crioulas, comunidade quilombola<sup>14</sup> localizada no município de Salgueiro, a 550 km de Recife, fortalecendo a organização política, a identidade étnica, cultural e a luta pela causa quilombola. Fundada em 17 de julho de 2000, por lideranças de Conceição das Crioulas que sentiram a necessidade de criar uma Associação que representasse a comunidade juridicamente, de modo a gerenciar o território, bem como encaminhar questões de interesse comum.



O projeto “Franciscas, Marias e Dandaras: donas de seus destinos” foi pensado para estimular o desenvolvimento de competências interpessoais como, habilidades de liderança e oratória, além de fortalecer a auto estima individual e coletiva, de pelo menos 30 alunas da escola José Mendes. Educadoras populares da comunidade lideraram a iniciativa, planejaram e executaram atividades como rodas de conversa, oficinas e seminários relacionados ao contexto de Conceição das Crioulas. Alguns dos temas abordados foram:

- Artesanato como ferramenta na luta contra o relacionamento abusivo;
- A influência da mídia na construção do papel de submissão feminina;
- O esporte como ferramenta de transformação na vida das mulheres: uma perspectiva histórica;

- relacionamento abusivo: um problema da saúde pública;
- fortalecer a identidade: enfrentar o racismo.
- a luta territorial intergeracional;
- consciência negra e a demarcação de terras.

A pedagogia crioula - que na visão da AQCC é uma proposta de escola que se contrapõe ao modelo opressor e eurocêntrico vigente, propondo uma forma de pensar a educação centrada no contexto da comunidade quilombola, norteou todo o projeto. Tanto que em diversos momentos, as atividades se mesclaram com o calendário de Conceição das Crioulas e os estudantes desenvolveram ações na Semana dos Povos Indígenas, no aniversário da Associação, e na programação da Consciência Negra.

**meninas que vão além:** pelo direito a uma educação transformadora



Imagem: cortesia da AQCC

---

14 As comunidades quilombolas são grupos com identidade cultural própria e se formaram por meio de um processo histórico que começou nos tempos da escravidão no Brasil. Elas simbolizam a resistência a diferentes formas de dominação. Essas comunidades mantêm forte ligação com sua história e trajetória, preservando costumes e cultura trazidos por seus antepassados. Mais informações [aqui](#).



Imagem: cortesia da AQCC



DESAFIOS	SOLUÇÕES
Mobilizar jovens em contexto pós pandemia.	Envolvimento da escola e atividades realizadas durante o período escolar.
Enfrentar as dificuldades relacionadas ao transporte público no território.	
Adequar as atividades ao cronograma letivo, que também é diferente das escolas não quilombolas.	Diálogo com a comunidade escolar para alinhar os temas do projeto aos assuntos acordados em sala de aula.
Ausência de Internet wi-fi no território.	Adequação de atividades conforme ferramentas tecnológicas disponíveis.

## REALIZAÇÕES

O envolvimento da comunidade escolar<sup>15</sup> permitiu a ampliação das atividades e o aumento dos beneficiários diretos.

Valorização das lideranças idosas da comunidade com a realização de 2 eventos voltados para o intercâmbio intergeracional.

Realização de eventos abertos para a comunidade como o dia do “cinema reflexivo” em que alunos e alunas de várias turmas assistiam e debateram o filme “ O menino que descobriu o vento.

Realização do “Encontro da Juventude: dialogando identidade étnico-racial, direitos educacionais e sociais.

## 2.2 DANDARA NO CERRADO

A organização é um braço do movimento feminista negro e existe há mais de 20 anos com objetivo de fortalecer a luta pela construção de uma sociedade justa, plural, sem racismo e sexismo. Para tanto, as Dandaras investem na formação de mulheres e adolescentes negras promovendo ações educativas em gênero, raça, moradia, direitos humanos e saúde reprodutiva. Além disso, também desenvolvem atividades acerca de empreendedorismo étnico e cultural, geração de trabalho e renda feminina a partir de iniciativas como artesanato, bazares e produção de licores de frutos do cerrado.



### MULHERES NEGRAS DANDARA NO CERRADO

O “Investiga Menina!” incentiva meninas negras na escolha pelas carreiras das ciências exatas. A sua atuação ocorre em duas frentes: 1) acompanhamento pedagógico na escola com uma intervenção direta no currículo escolar; 2) e vivências interculturais, em que as estudantes conversam sobre os objetos de estudo de cientistas negras tanto do estado de Goiás, quanto de outras regiões do Brasil.

<sup>15</sup> Em muitos contextos, o termo abrange os administradores escolares, professores e funcionários que trabalham em uma escola; os alunos que frequentam a escola e seus pais e familiares. Mais informações [aqui](#).



O projeto foi criado em 2009 pelo Coletivo Negro/a Tia Ciata no Laboratório de Pesquisa em Educação Química e Inclusão (LPEQI) do Instituto de Química da Universidade Federal de Goiás (UFG) em parceria com o o Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado e o Colégio Estadual Solon Amaral (CESA) e precisou suspender as atividades em razão da pandemia de Covid-19. Portanto, a chamada “Meninas que Vão Além” apoiou o retorno do grupo às salas de aula do CESA para que ao longo de 2022 fosse oferecido **acompanhamento pedagógico semanal no turno regular, em parceria com os professores das áreas de química, física, matemática e biologia, além de encontros com 10 pesquisadoras em vivências interculturais.**

Entre aulas regulares e encontros com cientistas, os estudantes do 8º e 9º anos aprenderam e debateram assuntos que buscam o diálogo entre o corpo negro e o conhecimento químico, ressaltando os conhecimentos e contribuições ancestrais.

- A química das tranças;
- Afro Matemática e a geometria das tranças nagô<sup>16</sup>;
- As cosmologias racializadas na Astronomia;
- As inventoras negras e as propriedades da matéria;
- Cientistas Negras Contemporâneas



Imagens: Cortesia do Grupo de Mulheres Negras Dandara no Cerrado



16 Penteados africanos, que consistem em uma trança baixa, rente ao couro cabeludo. Mais informação disponível [aqui](#) e [aqui](#).

DESAFIOS	SOLUÇÕES
Conciliação com cronograma escolar	Diálogo com a escola, marcação prévia das atividades, flexibilidade de cronograma e remarcação de aulas quando necessário.
Dificuldade de realização das atividades por causa do período eleitoral.	
O número de pessoas impactadas foi maior que o previsto.	Otimização do tempo e das atividades, envolvimento da escola para auxiliar na estruturação das atividades.
Dificuldade de alinhar o cronograma do projeto com a agenda de professores e convidados.	Organização interna e substituição de docentes.

REALIZAÇÕES
O projeto envolveu mais de 300 jovens, ante as 70 meninas, inicialmente previstas .
Estreitamento entre o conhecimento produzido nas universidades e o conhecimento escolar por meio das vivências interculturais com pesquisadoras/cientistas negras de outras regiões do Brasil.
Produção de arquivos de história oral para produção dos Objetos Virtuais de Aprendizagem, que serão disponibilizados na rede para que professoras/es e alunas/os tenham acesso e conheçam as trajetórias e pesquisas de alta performance desenvolvidas por cientistas negras brasileiras. Os materiais produzidos podem ser acessados nas <a href="#">redes sociais</a> da Dandarás no Cerrado.
Formação de professores/as de ciências (química, física, biologia, matemática e outras)
<u>Realização do II colóquio Ensino de Ciências nas Relações Étnico-Raciais, com o tema “Ciências Negrorreferenciadas”</u> , que contou com a presença de alunos/as da educação básica, bolsistas de iniciação científica alunos/as de mestrado e doutorado, assim como os professores/as parceiros da educação básica.
Clarissa Alves Carneiro Bernardes, participante do projeto, foi indicada na área de Ciências Humanas, ao Prêmio de Melhores Trabalhos de Iniciação à Pesquisa Científica Tecnológica e em Inovação da UFG.

## 2.3 ELAS NO PODER

A organização iniciou seus trabalhos em 2018, a partir dos questionamentos das fundadoras a respeito do pouco espaço das mulheres na política brasileira. Atualmente, a #ElasNoPoder atua em 4 grandes áreas:

- **formação política para mulheres;**
- **plataforma Impulsa;**
- **pesquisa;**
- **advocacy e mobilização social.**

Dentro desses eixos, a ONG já formou politicamente mais de 500 mulheres, oferece ferramentas para auxiliar na articulação de campanhas eleitorais de mulheres, realiza pesquisas de equidade eleitoral e cobra do poder público, políticas que favoreçam a equidade de gênero na sociedade.



Imagem: cortesia do Elas no Poder

Selecionada pela chamada “Meninas que Vão Além” a organização desenvolveu o projeto “Elas na Escola” com a temática: “Eu sou uma menina negra do agora e uma mulher negra no poder do futuro”. Com a intenção de atingir 50 meninas negras - incluindo indígenas e quilombolas - dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, do Distrito Federal (DF), a iniciativa construiu um ciclo de formação com rodas de conversa, workshops e palestras com assuntos sobre o feminino, formação política, contato com lideranças negras, entre outras atividades, a fim de estimular o auto-reconhecimento das participantes como agentes de mudança social e política.

DESAFIOS	SOLUÇÕES
Dificuldade em ter uma escola parceira que ceda o espaço para a realização das atividades.	Parceria com o Centro Interescolar de Línguas de Ceilândia (CILC).
Garantir que a divulgação do projeto alcançasse o público-alvo pretendido.	<ul style="list-style-type: none"><li>• Divulgação presencial em estabelecimentos educacionais e comerciais;</li><li>• Utilização de carro de som;</li><li>• Investimento em tráfego pago nas redes sociais;</li><li>• Flexibilização das inscrições.</li></ul>



DESAFIOS	SOLUÇÕES
Dificuldades socioeconômicas, principalmente de subsistência, entre as famílias participantes.	<ul style="list-style-type: none"><li>• Fornecimento de 3 lanches, ao invés de apenas 1;</li><li>• Fornecimento de lanches também para os pais e responsáveis que acompanhavam as estudantes;</li><li>• Criação de um grupo de WhatsApp para contato rápido com estudantes e familiares;</li><li>• Relacionamento próximo com os familiares e responsáveis;</li><li>• Garantia de ajuda de custo às participantes.</li></ul>
Mesmo que as temáticas abordadas não favoreçam nenhuma candidatura, o período eleitoral se mostrou como um desafio	Avaliação de que as próximas edições do projeto aconteçam fora do período das eleições.

REALIZAÇÕES
O relacionamento próximo da equipe do projeto com as participantes e seus familiares permitiu um diálogo aberto, franco e seguro.
Continuidade do projeto e sua transformação em programa, mesmo com o fim da chamada Meninas que Vão Além.
Construção de rede de apoio entre as atuais participantes e as meninas que ainda passarão pelo ciclo de formação.
Mobilização e realização da pesquisa de <u>percepção sobre o futuro e carreira profissional</u> para meninas e meninos de Escolas Públicas e Privadas do Distrito Federal. A pesquisa ocorreu entre os dias 24/09 e 31/10 e obteve 59 respostas. Um relatório com o resultado detalhado de todos os dados coletados será publicado em breve.

## 2.4 CENTRO CULTURAL LUIZ FREIRE

O **CCLF** é uma organização não-governamental que existe há 50 anos de experiência e atua no direito à educação, cultura e direito à comunicação. Com vasta atuação no sertão pernambucano, a organização está há cinco anos presente na cidade de Mirandiba (PE), tendo sido alçada a referência em educação quilombola e indígena.

Está localizada no centro histórico da cidade de Olinda, sendo palco para diversas manifestações culturais e literárias, além de ter sediado o 1 encontro presencial entre as organizações da chamada MQVA que aconteceu em dezembro de 2022.

O “Papo de Menina” foi desenvolvido com o objetivo de reunir 40 meninas, prioritariamente negras, dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental, de escolas públicas do entorno do sítio histórico de Olinda (PE). Os encontros aconteceram semanalmente na sede da ONG com atividades organizadas a partir dos seguintes eixos:

**PAPO DE MENINAS**  
**MUDANÇAS E EDUCAÇÃO**

Você sabe que é capaz de fazer tudo o que quiser, né? E escolhas bem pensadas fazem toda diferença.

O **Papo de Meninas** te convida a aprender mais sobre si mesma e sobre o mundo, junto com outras meninas. Massa, né?!

Se você é do 8º e 9º ano do fundamental ou do Ensino Médio, bora colocar o cropped e reagir juntas.

QUER FAZER PARTE? ESCANEIE O QR CODE COM O CELULAR E PREENCHA A FICHA DE INSCRIÇÃO

**ATÉ 27/06**

Vamos ter:

- Momentos de escuta e autocuidado
- Oficinas pedagógicas
- Atividades de orientação profissional
- Produção de materiais gráficos e virtuais

Tudo isso pensando em ajudar vocês, jovens meninas, a tomarem decisões sobre seu futuro da melhor forma possível.

Vamos, galera, mulheres!

QUER FAZER PARTE? ESCANEIE O QR CODE COM O CELULAR E PREENCHA A FICHA DE INSCRIÇÃO

**ATÉ 27/06**

(81) 3301-5241 @CENTROLUIZFREIRE

PAPO DE MENINAS Centro de Cultura Luiz Freire Skills UK Government BRITISH COUNCIL

Imagem: cortesia do CCLF

Imagem: cortesia do CCLF

- **educação para os direitos humanos;**
- **saúde mental;**
- **autocuidado e orientação profissional.**

A inclusão dos temas de saúde mental e autocuidado foi vista como fundamental pela organização. Para isso, contaram com o apoio de psicólogos que promoveram terapia comunitária para as meninas e realização de encaminhamentos

necessários em casos específicos.

A pedagogia da educação popular e a pedagogia feminista foram a espinha dorsal na criação das ações do projeto, tendo em vista serem abordagens que fazem uso da linguagem e diálogo como ponto de partida para a construção das aprendizagens e consideram as dimensões de gênero, raça e classe como estruturantes das desigualdades.

DESAFIOS	SOLUÇÕES
Dificuldade em mobilizar o público do projeto, por causa do horário letivo integral das escolas de Olinda.	<ul style="list-style-type: none"><li>• Ampla divulgação tanto online quanto presencial;</li><li>• Parceria com atores locais;</li><li>• Ampliação do público-alvo da região de Olinda para a região metropolitana de Recife.</li></ul>
Conquistar a confiança e garantir o apoio dos familiares.	Reunião com os familiares e responsáveis das participantes para apresentação do projeto, do trabalho do CCLF e estabelecimento de um diálogo sobre as atividades que serão desenvolvidas.
Empobrecimento das famílias, o que faz com que muitas meninas sejam responsáveis pelos afazeres domésticos e pelo cuidado com crianças e idosos que vivem em suas casas.	Pagamento de ajuda de custo às participantes

## REALIZAÇÕES

Parceria com o curso de psicologia da Faculdade Fafire que resultou em 4 momentos de escuta e ação de cuidado sob o viés da orientação profissional.

Realização de oficinas de comunicação a partir de práticas educomunicativas que contribuíram para a ampliação da criticidade e reflexão do público contemplado no papo de meninas, nas discussões teóricas (comunicação enquanto direito humano e seu papel na sociedade), técnicas (o que é mídia sonora, vinheta, spots educativos, fotografia e iluminação) e sobre o fazer comunicacional.

Realização de oficinas que versaram sobre a autoestima da mulher negra e o enfrentamento ao racismo.

Oficina sobre o “corpo, sexualidade, direitos sexuais e reprodutivos” a partir de uma metodologia construtiva e participativa.

Intercâmbio com outros coletivos de juventudes que atuam na defesa de direitos na região metropolitana do Recife com o Coletivo Fruto de favela, Força Tururu, grupo Quebra Cabeça, com sob a temática “juventude negra e participação política”.

Realização de um vídeo relatório que registrou ao longo do percurso, os sentimentos e aprendizados das meninas, da equipe e de suas famílias.



## 2.5 GELEDÉS – INSTITUTO DA MULHER NEGRA



A organização não governamental existe há 34 anos e surgiu no processo de redemocratização do país, com o intuito de assegurar a efetivação para o direito de cidadania. Se estabeleceu na sociedade civil pela luta por igualdade, dignidade e, principalmente, com foco nas políticas públicas buscando a garantia de direitos para mulheres e população negra. Os eixos de atuação da ONG, são os seguintes:

- Comunicação, por meio do Portal Geledés;
- Educação, com ações de enfrentamento ao racismo e sexismo, contemplando as

especificidades da cultura e história afro-brasileira e africana;

- Gênero, com o enfoque para as questões que abatem as mulheres e meninas negras.

O projeto “Meninas Negras Vão Além” busca colaborar para a permanência das meninas no sistema de ensino, a partir da metodologia de ação entre pares, pensando que “mulheres são as melhores protetoras de outras mulheres”. Dessa forma, foram selecionadas 18 guardiãs do projeto, meninas negras e não negras, mas sempre em situação de risco para o percurso educativo, que já estavam envolvidas em ações políticas e de comunicação. As guardiãs foram a ponte com outras meninas, totalizando 36 participantes.

- O programa de formação elaborado foi estruturado a partir dos seguintes eixos:
- Direito à educação;
- Desigualdades de gênero e raça na educação;
- Comunicação entre pares;
- Educomunicação para a produção de vídeos.

### DESAFIOS

Dificuldade em efetuar o termo de parceria com o parceiro planejado inicialmente.

### SOLUÇÕES

Parceria direta com uma escola pública localizada na cidade Tiradentes, zona leste de São Paulo.

DESAFIOS	SOLUÇÕES
As questões socioeconômicas das famílias dificultaram a adesão ou a permanência das alunas no curso, uma vez que algumas são responsáveis pelo trabalho de cuidado com outras crianças ou idosos, além dos afazeres domésticos.	<ul style="list-style-type: none"><li>• Ampliação do projeto para estudantes desde o 7º ano;</li><li>• Realização de parceria com o Centro da Criança e Adolescente da localidade.</li></ul>
A presença das participantes foi impactada pois muitas delas possuíam responsabilidades domésticas, além das tarefas escolares.	Diálogo com a escola para retomada de compromissos assumidos no início do projeto.
Em razão da alta vulnerabilidade das famílias, não foi possível ter certeza de que o auxílio disponibilizado pelo projeto, era realmente utilizado para pagar a internet e não outras necessidades familiares.	A presença de um agente escolar que auxiliou o Geledés durante todo o projeto no diálogo com os familiares exigindo o compromisso dos responsáveis.

REALIZAÇÕES
Ampliação e fortalecimento de informações sobre gênero e raça com as participantes.
Ampliação do conhecimento sobre as normativas legais para além da Lei Maria da Penha (a mais conhecida até, então, pelas estudantes).
Aprofundamento da compreensão sobre a importância da ação conjunta nas reverberações das reivindicações sobre os seus direitos.
Mesmo diante de uma narrativa de violências no cotidiano escolar e familiar, privação alimentar e de falta de horizontes ou sonhos, as atividades do curso foram capazes de despertar novas perspectivas de futuro nas participantes, que apresentaram grande interesse em liderar a organização dos webinários, compromisso com a edição dos vídeos e vontade de interagir com outras garotas do curso.

## 2.6 ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES/AS NEGROS/AS

A ABPN é uma associação civil, sem fins lucrativos, filantrópica, assistencial, cultural, científica e independente, tendo por finalidade o ensino, pesquisa e extensão acadêmico-científica sobre temas de interesse das populações negras do Brasil.

- Com atuação desde os anos 2000, a iniciativa consolidou-se como um dos órgãos fundamentais da rede de instituições que atuam no combate ao racismo, ao preconceito e à discriminação racial, com vistas à formulação, à implementação e ao monitoramento e à avaliação das políticas públicas para uma sociedade justa e equânime.

**Os seus eixos principais são:**

- **divulgação acadêmica;**
- **articulação social;**
- **formação das lideranças.**

Minas Negras é um projeto concebido pelas pesquisadoras vinculadas à ABPN, do núcleo de pesquisa sobre feminismos negros e aconteceu simultaneamente em seis polos de educação, situados nos estados de Maranhão, Paraná, Minas Gerais, Ceará, Bahia e Alagoas. Todos esses estados contam com um núcleo de pesquisa vinculado, em sua maioria, a uma universidade com pesquisadores que fazem parte da associação e que levaram o projeto para escolas públicas das regiões.

O projeto foi dividido em duas fases: a primeira focou na temática de gênero e raça com toda a comunidade escolar, para todos os alunos que desejarem participar, incluindo as direções das escolas e professores em exercício. Já na segunda, foram selecionadas 42 meninas negras dos 8º e 9º anos do Ensino Fundamental para participarem de rodas de conversa, entrevistas com mulheres, trabalhos em grupo, processos de escrita, entre outras iniciativas.

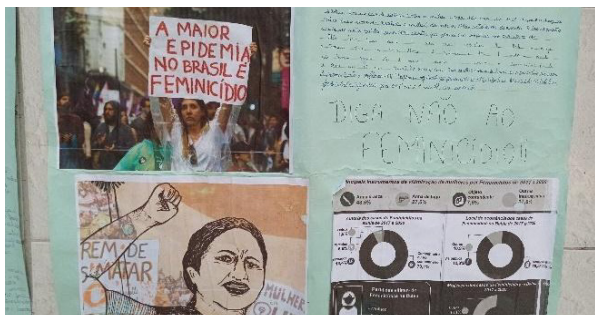


Imagem: courtedia da ABPN



Imagem: courtesia da ABPN



DESAFIOS	SOLUÇÕES
<p>Suspensão das aulas e dificuldade de encontro das coordenadoras de polo e sua equipe pelos seguintes motivos:</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Diversos casos de Covid-19 nas escolas;</li><li>• Greve de professores, que afetou todos os polos;</li><li>• Adversidades relacionadas ao clima local como, chuva ou frio em excesso.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Fornecimento de internet (3G/4G) para estudantes;</li><li>• Criação de apostilas interativas impressas;</li><li>• Aquisição de livros.</li></ul>

REALIZAÇÕES
Uma das bolsistas está escrevendo um livro que será lançado pelo projeto.
Realização do <u>primeiro seminário nacional virtual</u> - Feminismo Negro e suas possibilidades educativas e formativas na educação básica que reuniu 288 pessoas.
Realização de oficinas nos seis polos do projeto.
Fortalecimento do trabalho em rede da organização.
Formação e capacitação das estudantes e professoras.
Disseminação das contribuições e participações das culturas negras para o território escolar, sobretudo para crianças e adolescentes.



3

# Troca de experiências: encontros entre as organizações para o fortalecimento de conhecimentos

Com o objetivo de envolver e estimular as organizações para o compartilhamento de boas práticas, desafios, riscos, oportunidades e novas ideias, foram organizados três encontros entre outubro de 2022 e março de 2023. Por meio de uma metodologia colaborativa e uma agenda co-criada, os temas foram:

- advocacy e parcerias intersetoriais: como garantir que os projetos locais cheguem a novos parceiros, influenciem os atores e o público;
- engajamento local e organizações de base: a importância dos contextos locais para desenvolver e implementar intervenções eficazes;
- aprendizados da implementação e da rede: compartilhando boas práticas, desafios e perspectivas de futuro.

O primeiro evento aconteceu online, no dia 27 de outubro e contou com a condução da advogada Amarílis Costa, além da presença de Juliana Barros e Rita Lima compondo a mesa redonda.

## ADVOCACY E PARCERIAS INTERSETORIAIS

Como garantir que os projetos locais cheguem a novos parceiros, influenciem os atores e o público



### AMARILIS COSTA

Painelista e mediadora do encontro

Advogada, doutoranda em Direitos Humanos na USP e mestra em ciências humanas pela mesma instituição. É coordenadora de diversidade e inclusão cultural da OAB/SP e co-fundadora do movimento Elo-Incluir e Transformar. Faz parte do Conselho do Advocacy HUB.



### JULIANA BARROS

Mesa redonda

Jornalista formada pela UFMS. É diretora de comunicação da Elas no POder desde 2019 e foi coordenadora geral de uma campanha feminina para deputada estadual em São Paulo, nesta eleição de 2022.



### RITA LIMA

Mesa redonda

Defensora pública no Distrito Federal.

As organizações foram convidadas a refletir sobre como a incidência política<sup>17</sup> tem acontecido no Brasil, além de discutir acerca das estratégias para mobilização e engajamento de atores estratégicos e da sociedade civil. As diferentes experiências apresentadas pelas participantes, teceram uma interessante rede de desafios, soluções e perspectivas de futuro.

Em dezembro, as organizações partiram para Olinda e se encontraram presencialmente pela primeira vez. O Centro de Cultura Luiz Freire (CCLF) foi o anfitrião e ao longo de um dia inteiro, debatemos sobre o engajamento local e as organizações de base. Aqui, de novo, a conversa é enriquecida pelas múltiplas experiências e perspectivas das organizações, tendo em vista que além da diversidade geográfica que vai de São de Paulo até o sertão pernambucano, também há as distintas formas de trabalhar as questões relacionadas a gênero, raça e educação. Suelaine Carneiro, do Geledés, por exemplo, nos lembra que apesar de estar sediada em São Paulo, a sua atuação é na periferia da cidade mais rica do Brasil e desafios experienciados no “Meninas Negras Vão Além” são parecidos com os relatados por organizações de Goiás, Distrito Federal ou Pernambuco como é o caso do empobrecimento das famílias ou o fato de muitas meninas não conseguirem participar dos projetos por serem responsáveis pelos trabalhos domésticos e do cuidado em suas casas, apesar da pouca idade.

Contamos com a participação da comunicadora, cantora, percussionista, educadora e mestra da cultura popular, Mãe Beth de Oxum que além de fazer a apresentação musical do seu Coco de Umbigada, apresentou o projeto do LabCoco, realizado no bairro de Guadalupe, periferia de Olinda, e que visa engajar os jovens por meio da tecnologia, comunicação e ancestralidade afro-brasileira.

## PRINCIPAIS REFLEXÕES

### ADVOCACY<sup>18</sup>

- Ações estratégicas;
- Mudanças em políticas públicas;
- Locais nacionais ou internacionais.

### CONSTRUÇÃO DE REDES

- Discussão em crescimento;
- Valorização da territorialidade;
- Importância de se considerar as particularidades.

### MULHERES NEGRAS

- Precursoras da interseccionalidade;
- Lideranças em movimentos de base/populares;
- A omissão do Estado recai principalmente sobre mulheres negras e pobres.

### COMUNICAÇÃO

- Mobilização de recursos;
- Web ativismo como aliado;
- Definição de estratégias de acordo com as especificidades de cada tema, público-alvo e território.

<sup>17</sup> Incidência política é a tradução do termo “Advocacy”, sendo também a maneira mais utilizada pelas organizações de base.

<sup>18</sup> Advocacy: Conceito de Renato Pellegrini Morgado e Andréa Cristina Oliveira Gozetto que pode ser [visto aqui](#).



4

## REFLEXÕES



# Resultados Finais da Chamada

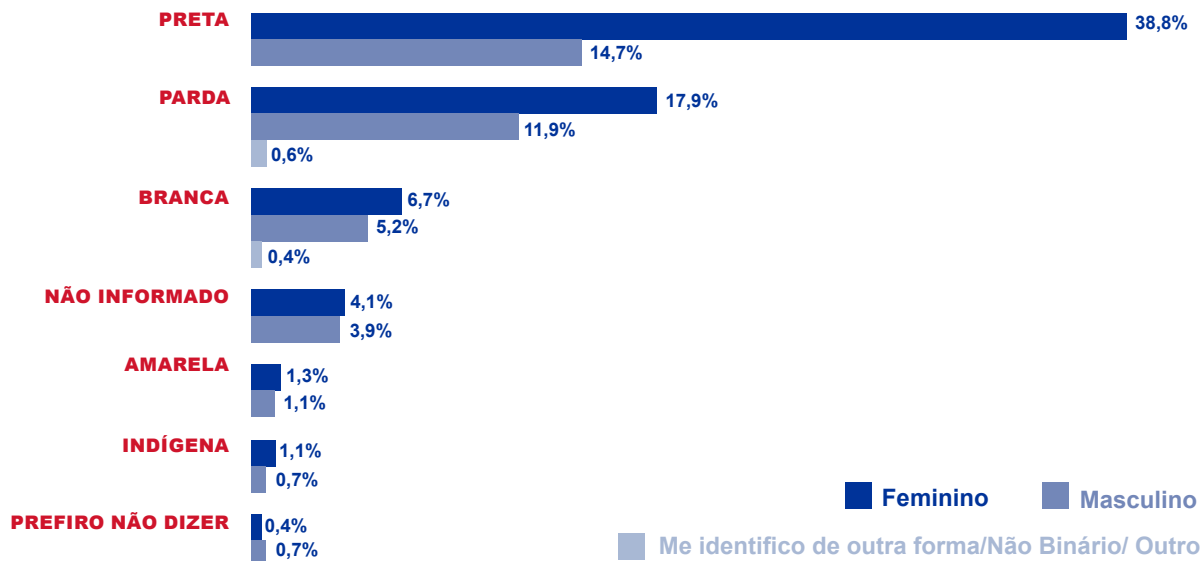
## 544 BENEFICIÁRIAS E BENEFICIÁRIOS DIRETOS

346 MENINAS

198 MENINOS

Desses 544, mais da metade do público alcançado pela chamada é formado por meninas pretas e pardas (56,7%).

### GÊNERO E RAÇA AUTO-DECLARADA



No geral, 420 participantes estavam cursando o ensino fundamental II, foco inicial dos projetos da Chamada. No entanto, alguns projetos ampliaram seu alcance para estudantes do ensino médio e meninas evadidas do sistema escolar. Essa foi uma forma encontrada pelas organizações de estimular mais jovens a refletir sobre a construção de seus futuros.

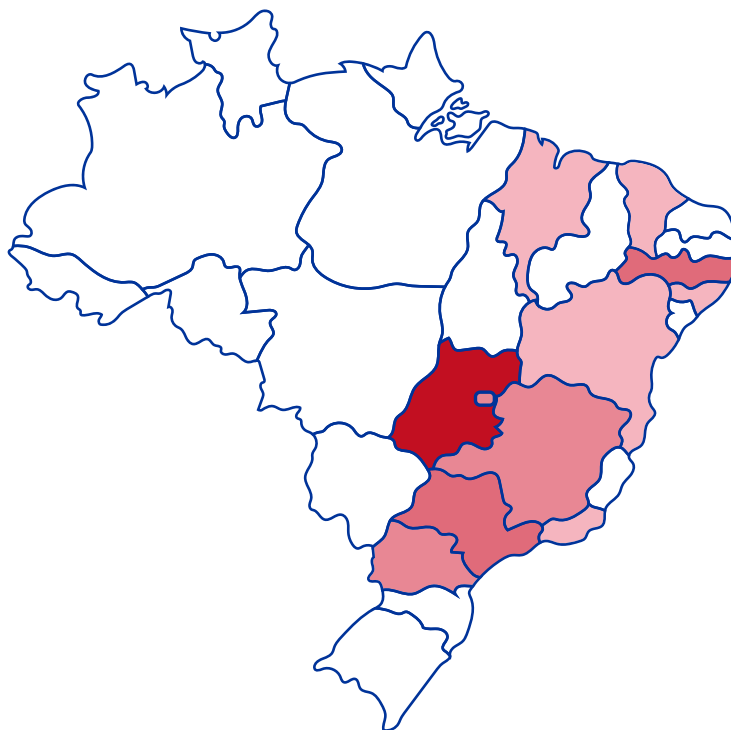
Ao todo, **nove estados brasileiros e o Distrito Federal** foram alcançados diretamente pelos projetos desenvolvidos, com maior incidência em Goiás e em Pernambuco. O alcance da chamada

aumenta quando são incluídos os participantes indiretos, abrangendo um público de 818 pessoas, dentre elas estudantes, professores, pesquisadores e bolsistas. Esta ampliação se dá principalmente através de atividades que foram realizadas virtualmente e abertas à população, possibilitando que mais dois estados fossem atingidos pela chamada Meninas que Vão Além: Mato Grosso e Rio de Janeiro.

Dentre os participantes indiretos, 70% são mulheres, 29% homens e 1% preferiu não declarar. Quando o recorte recai sobre raça, dentre todos

**PÚBLICO  
ATINGIDO  
NO BRASIL**

**818**





participantes, 56,6% se identificaram como pretos, 29,7% como pardos e 11,4% como brancos.

Com o intuito de compreender a percepção sobre construção de futuro, estudos e planejamento de carreira, foram aplicados questionários de percepção de aprendizados com as estudantes impactadas diretamente pela chamada. Por meio de uma amostra de 215 participantes, é possível dizer que:

**91% das participantes pensam em seu futuro profissional e consideram uma carreira como algo importante e 78% acreditam que a educação é parte fundamental para ter melhores oportunidades profissionais no futuro.**

Em contraposição a esta perspectiva engajada na construção de futuro, 14% das participantes alegam pensar em abandonar os estudos para se dedicar a outras coisas que consideram mais importantes. A evasão escolar é uma preocupação para a realidade brasileira e tem sido trabalhado por diversos projetos no país.

O avanço escolar vai muito além do esforço individual de cada estudante, está ligado às questões raciais e socioeconômicas. As disparidades resultantes do racismo estrutural é expressa nos indicadores educacionais, de forma que “mesmo entre os mais pobres, os piores indicadores educacionais são observados entre estudantes negros”<sup>19</sup>. Quando é feita uma

<sup>19</sup> Desigualdade racial na educação brasileira: um guia completo para entender e combater essa realidade. Versão completa [aqui](#).

triangulação destas informações com a amostra da chamada Meninas que Vão Além, é possível dizer que as participantes têm ciência das desigualdades que assolam o país.

**Dentre as participantes, 59% acreditam que as oportunidades no mundo do trabalho não são iguais para pessoas brancas e pessoas negras e 59% também discordam que há igualdade de oportunidades entre homens e mulheres.**

No entanto, ainda que com os entraves sociais existentes, **75% das estudantes acreditam que podem seguir em qualquer profissão que desejarem.** Este dado reflete maior confiança das jovens em si mesmas, algo que foi estimulado ao longo dos projetos realizados.



6

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um país de proporções continentais, como o Brasil, carrega contextos sócio-políticos heterogêneos e demanda políticas públicas capazes de abordar os desafios semelhantes vivenciados em todas as regiões brasileiras, bem como as particularidades de determinados grupos. Esta foi a principal reflexão promovida pelas seis organizações participantes da chamada “Meninas que Vão Além” ao relatarem as suas experiências na implementação de seus projetos.

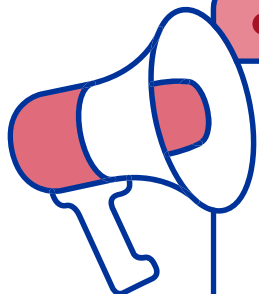
A periferia de São Paulo, o sertão pernambucano e o centro-oeste brasileiro apresentaram desafios semelhantes como a dificuldade de acesso à internet pelas estudantes ou a falta de equipamentos eletrônicos como computador e celular. O aprofundamento da pobreza, a fome e a presença das meninas nos afazeres domésticos e cuidado familiar também foram temas recorrentes, levando organizações a preverem ajudas de custo às participantes em seus orçamentos.

Por outro lado, cada projeto lidou com especificidades com suas oportunidades e desafios. A Associação Quilombola de Conceição das Crioulas (AQCC), por exemplo, trabalhou com questões específicas de comunidades quilombolas rurais, como a pedagogia crioula, lidou com a dificuldade de transporte dentro do

território que gerou impedimentos para atividades fora do turno escolar, e o calendário letivo próprio.

Assim, uma lição aprendida em todos os cenários diz respeito à importância de uma comunidade escolar (professores, professoras e gestão) engajada, sensível e aberta às questões da sociedade civil, com vistas à ampliação dos mecanismos de educação por meio de um olhar plural e democrático que supere a cosmovisão da escola como um espaço apenas de ensino formal. Este engajamento possibilita também intervenções pedagógicas que valorizam saberes ancestrais, tradicionais e comunitários, indo além das matrizes curriculares vigentes.

O enfrentamento ao racismo e as desigualdades de gênero necessita de ações amplas e transversalizadas por diferentes setores da sociedade. É fundamental fortalecer as organizações que se dedicam a combater estruturas racistas e estimular uma ação articulada que promova uma agenda de perspectiva global, nacional e local. Este relatório festeja não apenas as seis organizações participantes que se dedicaram, e dedicam, à promoção de equidade, mas todas as instituições e grupos que entendem estes temas como prioritários em sua linha de atuação para que seja possível construir uma sociedade mais justa.



## PARA SABER MAIS

Desde março até meados de abril/2023, está em desenvolvimento uma página online para a chamada Meninas que Vão Além com novo conteúdo sendo produzido - uma série de podcasts com temas relacionados aos projetos implementados e seis novas partes - os temas vão desde ciências, tecnologia para a educação, autoestima e periferias, ativismo e comunidades. A página também servirá como repositório para a chamada em si, trazendo conteúdo já desenvolvido durante o projeto - do edital aos seis diferentes projetos, o relatório final da chamada e outros resultados gerais, assim como os casos de estudo produzidos pelo time MREL. A ideia é ter um espaço onde o conhecimento e aprendizados da chamada Meninas que Vão Além estejam disponíveis e sejam compartilhados como um legado ao público em geral.



### O SITE TERÁ UMA VERSÃO EM

**PORTUGUES**

**E**

**INGLÊS**

[meninasquevaolem.org](http://meninasquevaolem.org)

[girlswhogobeyond.com](http://girlswhogobeyond.com)

**Skills**  
for prosperity  
BRAZIL



BRITISH  
COUNCIL



UK Government

FUNDAÇÃO

**Lemann**



associação

NOVA ESCOLA



reúna